REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

10 ANNO | 11 DE JUNHO DE 1887 | VOLUME X — N.º 305

SUA ALTEZA O PRINCIPE DA BEIRA (Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

O tragico e funebre espectaculo que ha poucos annos deu ao mundo Vienna d'Austria, acaba de ser repetido agora em Paris.

A Opera Comique da França fez sinistramente *reprise* da pavorosa scena d'incendio que tanto assombrou a Europa quando representada no Ring Theater, e essa extraordinaria catastrophe do theatro Viennense, acaba de ter o seu triste *pendant*.

E o que é mais estranho é que o facto deu-se exactamente nas mesmas condicções, produziu quasi que os mesmos resultados, lançou por toda a parte o mesmo panico, inspirou a todos os espiritos as mesmas preoccupações, suscitou da parte das auctoridades de todos os paizes as mesmas providencias extraordinarias, as mesmas providencias que já se tinham tomado ha dois annos e que mostraram claramente, tragicamente, que não serviam absolutamente para nada.

Achamos escusado refazer aqui a narração, repetida minuciosamente por todos os jornaes de Paris, e reeditada por todos os jornaes de Portugal, do incendio da *Opera Comica* de Paris.

O theatro estava completamente cheio d'espectadores. Representava-se a *Mignon* uma opera de Ambroise Thomaz que o nosso publico conhece muito bem.

Logo nas primeiras noticias que deram do incendio, os jornaes Parisienses notaram uma singular coincidencia que se dava entre o theatro que ardeu e a peça que n'elle se representava. Na *Mignon* ha tambem um incendio, e para maior coincidencia o incendio d'um theatro, d'aquelle theatro em que a rival da pobre *Mignon*, a formosa *Filina* representa o papel de *Titania, Titania la bionda. Titania figlia del sol.* Ora parece agora, segundo o dizer d'alguns jornaes francezes menos reservados, que a coincidencia entre a peça que se representava na *Opera Comica*, e o espectaculo medonho que veio cortar essa representação, não pára aqui, vae mais longe ainda.

No libreto da opera de Ambroise Thomez, tirado do romance de Goethe, o incendio do theatro no parque do Barão, é lançado por Lothario, *il nomade cantor*, aquelle velho sinistro e alucinado que:

> Fuggitivo e tremante, va di porta in porta
> Ove il destino lo guida, ove il turbin lo porta...

Pois parece descobrir-se agora no incendio da *Opera Comica* de Paris que houve tambem o seu Lothario.

Quem foi, não o dizem os jornaes por emquanto, mas levantou-se a suspeita de que elle existisse, suspeita até certo ponto justificada, pela rapidez com que o incendio caminhou, pela difficuldade que ha em descobrir-lhe logicamente, com verosimilhança a causa do seu começo.

Entretanto fosse lançado o fogo — cousa que aliás se diz sempre que apparece um fogo grande, ou pegasse casualmente, o que é tristemente certo, é que elle tomou umas taes proporções tão rapidas e formidaveis, que foram baldados todos os esforços para o dominar, que a *Opera Comica* ficou reduzida em poucas horas a um enorme monte de cinzas, monte que sepultou no seu seio uma porção enorme de cadaveres. As scenas que se deram na occasião do sinistro, os promenores d'essa monstruosa catastrophe, são tudo o que ha de mais horroroso, e a phantasia mais prodigiosa em inventar horrores nunca chegaria a conceber um rosario tão completo e tão extraordinario de dilacerantes agonias.

Um nosso compatriota, — um amigo velho da pessoa que escreve estas linhas; — que estava em Paris na occasião do sinistro contou-nos algumas scenas horrorosas que elle presenceou, ainda na manhã seguinte á da catastrophe.

Eram dez horas da manhã quando elle conseguiu chegar ao local do fogo.

O theatro ardia ainda, e o fumo velava totalmente a gigantesca massa de ruinas em que tão depressa se transformára o theatro á porta do qual elle estivera ainda na vespera quasi resolvido a tomar um bilhete.

D'esse monte enorme sahiam gritos dilacerantes que vinham misturar-se ao côro estranho e confuso, composto das vozes de commando das auctoridades que dirigiam as manobras contra o incendio; das exclamações de horror que sahiam angustiosas dos labios de todos os espectadores, d'esse lugubre espectaculo, todas as vezes que os bombeiros, traziam, da enorme fogueira, o cadaver carbonisado e disforme das victimas d'essa monstruosa hecatombe, que iam encontrando entre o entulho; das crepitações da madeira em chammas, dos sons abafados do fogo succumbindo aos jorros d'agua, do ruido das bombas a trabalhar, do *brouhaha* colossal da multidão compacta, que enchia toda a praça do theatro, e todas as ruas proximas.

D'uma vez uma lufada de vento affastou por momentos as nuvens de fumo, e a multidão aterrada, viu lá em cima, no alto d'uma parede que ficava de pé, em cima d'uma pequena pilastra, perfeitamente desamparados no espaço, um homem e uma mulher agarrados um ao outro, e soltando gritos desesperados pedindo soccorro, gritos a que o terror tirára toda a entoação da voz humana, que tinham o seu que de rugidos de feras.

Os bombeiros viram-nos e trataram logo de lhes lançar uma escada por onde elles podessem descer d'aquellas enormes alturas.

De vez em quando, as linguas vermelhas de fogo enroscavam-se á parede e chegavam quasi que até esses desgraçados.

Depois vinha o fumo e elles ficavam occultos como que por uma nuvem.

Depois o vento tornava a enxotar o fumo, e elles lá estavam ainda agarrados um ao outro, luctando contra a vertigem, contra a asphixia, contro o terror, e gritando como loucos.

E cá em baixo toda a gente com o coração a palpitar d'anciedade, seguia avidamente os trabalhos dos bombeiros para salvarem esses dois desgraçados.

A escada por fim foi applicada á parede.

Era muito pequena.

Tiraram-n'a outra vez e começaram a amarrar escadas a escadas, para poderem avançar até lá acima.

Tornaram de novo a encostal-as á parede.

Ainda não chegava.

De repente dos labios de toda a gente, que seguia palpitante este lance angustioso, sahiu uma exclamação de terror.

Os dois desgraçados, ou estonteados pela altura, ou asphixiados pelo calor, ou enxotados pelas labaredas, despenhavam-se lá de cima e vinham despedaçar-se no meio da rua.

E como esta scena, centenares d'ellas que não tiveram testemunhas.

A catastrophe foi tão grande, tão horrorosa, que nem se póde ainda saber ao certo o numero das victimas.

Não se póde saber ainda, nem nunca se saberá.

Dos numerosos cadaveres encontrados inteiros, muitos estavam em tal estado que era perfeitamente impossivel verificar a edentidade; d'outros, que não estavam desfigurados, a edentidade não foi reconhecida, porque não houve ninguem que soubesse quem elles eram: vá-se lá em Paris, na enorme Paris, saber quem são os espectadores que enchem n'uma noite um theatro, quando a maioria d'esses espectadores é constituida por estrangeiros, por provincianos, por essa gigantesca população fluctuante, que a todas as horas se renova na capital da França.

Além d'isto, nem mesmo o numero de cadaveres se póde saber, porque nas ruinas encontram-se a cada momento ainda, fragmentos humanos, aqui um braço carbonisado, ali um craneo partido, acolá umas pernas; pedaços negros que custa a differençar se são ossos carbonisados, se madeira queimada; e o que mais horrivel é ainda, no monte de cinzas reconhece-se a existencia de muitas cinzas humanas! Um horror, um verdadeiro e assombroso horror, a repetição das mesmas scenas terriveis do incendio do Ring Theater de Vienna!

E exactamente como aconteceu logo no dia seguinte ao grande incendio do theatro austriaco, as auctoridades de todos os paizes da Europa passaram a preoccupar-se seriamente das condições de segurança, que devem ter os theatros, para o caso de incendio.

Ora esta preoccupação é muito original, e faz parecer que esta coisa de um theatro ser susceptivel de se incendiar, é uma novidade completa, é uma descoberta que só se fez no dia em que um theatro ardendo, provou eloquentemente que os theatros não eram incombustiveis.

É a eterna historia das trancas postas á porta das casas roubadas e mostra a imprudencia das auctoridades de todos os paizes, a leviandade com que se tratam todos os negocios da administração publica.

Parecia natural que a auctoridade quando dá a sua auctorisação para que uma casa de espectaculos funccione, verificasse primeiro (se essa casa offerecia todas as garantias de segurança ao publico, parecia natural e quer-me até parecer que seria este o dever de toda a auctoridade e que é exactamente para isso que se estabeleceu o principio de nenhum theatro poder funccionar sem a auctoridade respectiva ter dado a sua sancção.

Se as auctoridades cumprissem o seu dever não seria necessaria esta preoccupação e este alarde de zelo pela segurança do publico, que as accommettem logo que se dá o incendio de qualquer theatro. A pressa, o enthusiasmo, a severidade com que essas auctoridades se põe então no seu logar, de salvadores do interesse do publico, prova simplesmente uma coisa: que até então essas auctoridades não tinham sabido manter-se no seu logar! a actividade e energia, com que mal um theatro arde ellas tomam providencias para que os outros não ardam, em nome do cumprimento sacrosanto dos seus deveres, mostram eloquentemente, que ellas, até então, não tinham tomado essas providencias, tinham deixado de cumprir o seu dever sacrosanto.

E portanto cabe a essas auctoridades grande parte da responsabilidade das catastrophes que se tem dado, isto é claro, e é irrespondivel.

Um theatro arder, não é um caso novo, não é um caso imprevisto, não é um d'esses casos estranhos, improvaveis, impossiveis, que só depois de dado se possa reconhecer a sua possibilidade.

Portanto qual era o dever da auctoridade? Era desde o momento em que ha um theatro que funccione, com seu conhecimento, com sua licença, ter tomado n'esse theatro todas, absolutamente todas as medidas preventivas, que possam garantir a maxima segurança do publico em caso d'um sinistro.

Cumprindo com o seu dever, essas auctoridades, dado esse sinistro nada mais tinham que fazer, visto que tinham feito tudo.

Mas dá-se exactamente o contrario.

Quando arde um theatro as auctoridades lançam-se logo activamente a tomar providencias, e então fazem tudo, o que quer dizer, na melhor das logicas que até então não tinham feito nada.

A Portugal chegou tambem ás auctoridades este zêlo pela segurança do publico nos theatros.

Do nosso tempo é a segunda vez que S. Ex.ª o zêlo cá chega.

Da primeira vez veio de Vienna, agora vem de Paris, a differença é apenas esta.

Ora não devia ter sido necessario que o Ring Theater ardesse, para que as auctoridades portuguezas soubessem que os theatros eram ardiveis, e tivessem de ha muito tomado todas as providencias para a segurança do publico, nos theatros em caso d'incendio, porque em vez do alarme ter sido dado nas margens do Danubio, podia muito bem ter surgido nas margens do Tejo.

Mas em summa, o que não tem remedio remediado está e dêmos de barato que os poderes publicos portuguezes tendo muito em que pensar, nunca se tivessem lembrado da possibilidade d'uma casa de espectaculos ser presa das chammas como qualquer outra casa.

O Ring Theater ardeu. As nossas auctoridades tiveram conhecimento do caso — e a prova é que tomaram logo providencias — e ficaram sabendo que um theatro podia tambem arder.

Mas então que demonio de providencias tomaram essas auctoridades?

Se tomaram as que deviam tomar, agora em frente do incencio da Opera Comica de Paris, não têm mais que fazer do que lamentar as victimas.

Mas não senhor: as auctoridades portuguezas não se limitam a esse papel passivo; as auctoridades portuguezas vão tomar providencias.

Quaes?

As que tomaram ha cinco annos quando ardeu em Vienna o Ring Theater?

Essas decerto que não, porque foram já tomadas.

Outras?

Mas d'então para cá não se descobriram nenhumas providencias novas a tomar em caso de incendio, e as que havia já descobertas, devem ter sido todas tomadas pelas auctoridades portuguezas ha cinco annos, porque não podemos acreditar do zêlo d'essas auctoridades, que em materia tão grave, tão importante, tão séria, de tão enorme responsabilidade, ellas não tivessem tomado todas, absolutamente todas as providencias, que havia a tomar.

Portanto para que é agora essa bulha que para abi vae como meios de segurança, se todos es-

ses meios devem estar todos já tomados ha muito tempo?

O theatro da Opera Comica ardeu exactamente como ardeu o Ring Theater: a morte dos espectadores teve exactamente as mesmas causas: se, quando o theatro de Vienna ardeu as auctoridades portuguezas tomaram todas as providencias que havia a tomar, não tem agora nada a fazer: se têm alguma coisa a fazer, é porque então não tomaram todas as providencias, e cabe-lhes d'isso uma responsabilidade gravissima, e é necessario que se saiba porque foi que as não tomaram.

Porque a verdade é que n'estas cousas não póde haver nem transigencias nem delongas.

Póde-se esperar uma semana, um mez, um anno, vinte annos, para fazer aformoseamentos n'um theatro: não se póde esperar um dia para fazer n'um theatro as obras de que esse theatro careça para segurança dos espectadores em caso de incendio.

Não ha circunstancias de ordem alguma, não ha considerações possiveis, que justifiquem um addiamento ou uma delonga n'essas obras.

Se um theatro, seja elle qual fôr, offerece perigo em caso de incendio, a obrigação restricta, innadiavel da auctoridade, é mandal-o fechar immediatamente, e não consentir que elle funccione sem que esse perigo tenha desapparecido, salvo o caso das auctoridades terem encontrado o meio de obter do incendio que não se digne apparecer n'esse theatro senão depois d'elle estar em condições de o receber dignamente sem perigo do publico.

A chronica vae longa e vemo-nos forçados a terminal-a.

Continuaramos a tratar d'este assumpto que é de interesse urgentissimo para todos, e não terminaremos hoje sem lembrar ás auctoridades, uma coisa em que parece que ellas não pensaram ainda, e é que as egrejas tambem podem arder, como ardem os theatros, e que um dos perigos maiores que ha nos incendios dos theatros—a falta de sahidas, a difficuldade de evacuar o edificio, é mil vezes maior ainda nas egrejas, que geralmente têm apenas uma porta d'entrada—e essa com guarda-vento—um embaraço menos mau para uma sahida precipitada e umas pequeninas portas de sachristias das quaes a maioria do publico ignora os escaninhos; e que da mesma maneira que ardem theatros e egrejas tambem pódem arder praças de touros.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE DA BEIRA

Temos a satisfação de apresentar hoje aos nossos leitores o retrato do Principe da Beira, recostado nos braços de sua mãe a princeza D. Maria Amelia, e estamos certos que com isto satisfazemos a um justo desejo dos nossos assignantes em conhecerem o herdeiro da corôa de Portugal.

Não tem biographia quem ainda se acha envolto nas fachas infantis, os factos da sua vida pertencem ao futuro, e este é defeso.

Por emquanto temos simplesmente uma creança que sorri ás auras perfumadas que lhe bafejam o berço, levando-lhe os aromas da primavera que o trouxe ao mundo no seu regaço de flores.

Apenas duas datas se podem escrever na pequenina historia do Principe da Beira, Luiz Filippe; a do seu nascimento a 21 de março do corrente anno, e a da confirmação do seu baptismo a 14 de abril do mesmo anno, do que tudo deu noticia o OCCIDENTE.

O retrato que publicamos é copia da uma magnifica photographia tirada pelo sr. Augusto Bobone da antiga casa Fillon, e que é um verdadeiro quadro de familia, que será visto com prazer.

INCENDIO DO THEATRO DA OPERA COMIQUE DE PARIS

A chronica do presente numero, occupando-se largamente do horrivel incendio que reduziu a ruinas o theatro da Opera e encheu de luto dezenas de familias, que n'elle perderam entes queridos, dispensa-nos de aqui repetirmos a descripção d'esta catastrophe que horrorisou todo Paris e impressionou tristemente todos os povos onde chegou a noticia de tão desgraçado acontecimento.

Diremos apenas alguma cousa, e muito pouco, a respeito da parte historica do edificio.

O theatro da *Opéra Comique* foi fundado em 1781, e concluiu-se em 1783. Em 1838 foi devorado pelo fogo, morrendo n'essa occasião o seu director Severini que se precipitou d'uma janella para fugir ao incendio. Não houveram, porem, mais victimas. Foi reconstruido em seguida.

Este theatro, portanto, era dos mais antigos e dos que estavam em peiores condições de segurança para o caso de incendio, apesar de se lhe terem feito algumas modificações modernamente.

Entre essas modificações conta-se a chapa de ferro para ser corrida na bocca da scena em caso de fogo, e a abertura de algumas portas para rapida sahida do publico. Mas nem a chapa de ferro foi corrida agora, nem as portas foram abertas, porque estavam muito bem trancadas.

Estes casos de incendio que se estão repetindo em theatros com tão funestos resultados, deve chamar a attenção dos competentes, sobre a fórma porque os theatros são construidos e dispostos, parecendo-nos sufficientemente provado que a construcção e fórma usada nos theatros não convém á segurança do publico.

Se voltassemos ás fórmas primitivas dos theatros da Grecia ou de Roma, com algumas modificações, não remediariamos este mal?

VICENTE JORGE DE CASTRO

VII

(Conclusão)

Em 1861 fez a *Empreza do Archivo Pittoresco* uma edição das obras de Nicolau Tolentino d'Almeida, edição magnificamente impressa, acompanhada de um estudo sobre o poeta, por José de Torres, e illustrada com desenhos de Nogueira da Silva.

Foi este o primeiro livro portuguez, de uma serie d'elles, que Vicente Jorge de Castro se propoz publicar, com o seu empenho nunca desmentido de fomentar a litteratura e arte nacionaes.

A este livro seguiu-se a explendida edição do *Hyssope*, magnificamente illustrado por Manuel de Macedo e acampanhada de um estudo do auctor do poema pelo poeta Ramos Coelho.

É esta uma das melhores edições que se tem feito em Portugal, e se não é mais conhecida é porque o seu custo, que não podia deixar de ser elevado, e a indole da obra não está ao alcance de todos.

Não foi sem grandes difficuldades que Vicente Jorge de Castro conseguiu pôr a publico este livro, e essas difficuldades fizeram-n'o desanimar um pouco no emprehendimento de novas edições, como era seu desejo.

Mas se o ser editor nunca lhe compensou os sacrificios feitos, outro tanto se não póde dizer da typographia que elle cultivou com a intelligencia e gosto a que nos temos referido nos capitulos precedentes, e graças ao seu trabalho persistente, poude conquistar para o seu estabelecimento typographico todos os progressos que a arte tem feito e outros que elle soube criar com o estudo e a pratica de muitos annos.

É assim que em 1868 se estabeleceu em casa propria, feita expressamente para officinas typographicas, onde dispoz tudo para a melhor acommodação dos materiaes, disposição de machinas e elaboração geral dos trabalhos.

N'um antigo palacio arruinado, na rua da Cruz de Pau, hoje rua do Marechal Saldanha, e onde por muitos annos esteve estabelecida a typographia do *Jornal do Commercio* e a typographia do *Futuro,* mandou edificar Vicente Jorge de Castro a bella casa que hoje lá se vê e que a nossa gravura reproduz, destinando o pavimento terreo e o primeiro andar para officinas e reservando o resto para sua habitação.

É este o unico estabelecimento typographico particular, que nós saibamos existir em Lisboa, em casa expressamente feita para esse fim.

No pavimento rez-do-chão acham-se instaladas a officina de impressão com quatro machinas de imprimir e sete prelos manuaes, calandras, prensa, motor, apparelhos de enxugar papel etc., deposito de papel e de impressos e officinas de stereotypia e de carpinteiro. No primeiro andar são as officinas de composição, de brochuras, e escriptorios.

As nossas gravuras dão ideia das officinas de impressão e de composição onde só falta o maior movimento que se observa no original.

A ordem como tudo se acha disposto, o aceio que existe n'estas officinas, contrasta singularmente com as officinas typographicas que nós ainda conhecemos, e de que ainda se encontram alguns exemplares em Lisboa e fóra d'ella, que tinham o aspecto de verdadeiras carvoarias, d'onde custava a comprehender podesse sahir cousa limpa.

Tem melhorado hoje consideravelmente esse estado de desordem e de immundicia que se notava nas typographias, mas na vanguarda d'esses melhoramentos foi de ha muito Vicente Jorge de Castro com a sua typographia modelo, em que a perfeição dos trabalhos não desmerece da ordem e quasi que luxo com que as officinas estão organisadas.

É esta uma das maiores glorias do finado typographo que dedicou a sua vida á arte de Guttenberg, e que a soube honrar como poucos, dando-lhe todas as forças da sua intelligencia e da sua actividade, deixando o seu nome ligado á typographia, como um dos seus mais dilectos cultores que tão boa memoria deixou de si.

Caetano Alberto.

CARTA A UM DE LISBOA

Amigo:—Vim ha instantes da quinta, dos meus queridos trabalhos campesinos.

Não imaginas como se está bem, longe da *Casa Havaneza* e das Camaras Legislativas; de conselheiros, viscondes, jornalistas e *sportmen.* Ali, ao meio da grande natureza, boa e amiga, não chegam as vibrações dos *muito bem,* ainda os mais euthusiasticos, de S. Bento; nem os accordes da walsa *Ella,* tangida por mãos delicadas e inuteis, á hora em que os operarios largam o trabalho, e os leiteiros começam a passar para a venda da noite.

É larguissima a contribuição que a terra traz para a nossa educação, sob os tres aspectos:—physico, intellectual e moral. A intimidade com a natureza tem encantos incomparaveis:—dá-nos saude e alegria, e n'uma profunda lição intuitiva, a visão clara e segura da realidade. O contacto com a natureza, sã e forte, torna-nos *naturalistas,* na dupla applicação da palavra:—á Sciencia e á Arte.

Quando vim para casa, abanquei á mesa de jantar, comi pão e bebi vinho. E as minhas mãos cheiravam ainda a terra,—a querida terra amiga d'onde fundamentalmente viemos, e para onde voltaremos, a repousar, no fim da campanha aspera da existencia. Faltava-me, porém, ver nas paredes os saccos de sementes, a cabaça onde se leva o vinho para o campo e que se guarda do sol debaixo de ramos, á fresca, e os sachos de mão pendurados pelas curvas. Que culpa tenho eu de gostar mais d'isto, que de oleographias?

Habituei-me, em creança, a olhar os vinhedos, que trepam as encostas ásperas, batidas de sol; as searas da trigo ou de cevada, que se alastram a perder de vista pelas planicies; a acompanhar os carros nas salmejas, sob o olhar manso dos bois; a abrigar-me nas barracas das eiras, ou nas sombras projectadas pelas medas, da ardente enxurrada luminosa, vinda d'um sol triumphante de julho.

Acostumei-me a perder, despreoccupadamente, suavidades de epiderme no contacto grosseiro das rabiças dos arados, que vão renovando vagarosamente, a superficie das terras, listrando-a de escuro, com esbatidos suaves a fazerem perder a severidade da linha,—lembrando traços a tinta na contextura tenue e desigual do papel pardo. Sei povoar os largos das vinhas pela mergulhia, e gosto de espreitar os ninhos na espessura fresca dos pomares, quando a primavera vem.

É por tudo isto que eu fujo da Avenida, dos *caffés,* das redacções e das camaras.

Aqui tens uma confissão bem sincera. Não receio que fiques mal commigo, por me ter rido, tão irreverente, dos teus politicos, dos teus conselheiros, dos teus elegantes, das tuas namoradas; por que tu,—bom e querido amigo!—tambem te ris d'elles, ás vezes... mas de noite, ás escuras,—quando a *opinião publica* não póde ver-te.

Vale.

José Pessanha.

CINCO RÉIS

Immobilisam-se lá dentro grandes plantas exoticas, ladeando a escadaria de marmore liso.

Em pé, entre portas, o guarda-portão, homem grosso, suissa ruiva, córado, olhos pequenos, mostra a sua farda amarella com vivos azues, as suas meias brancas, os seus sapatos de fivella, orgulhoso, ancho, como um pequeno rei de opera comica.

É o Cerbéro d'aquelle retiro, o recebedor de todos os requerimentos, a caixa postal para todas as cartas, a primeira estação dos visitantes, dos fornecedores, dos importunos, dos mendigos.

Direito, serio, mettido nos seus calções esticados, figura um grande personagem.

Os pequenos pobres, as creanças pallidas que passam fixam-o inconscientes, admiram-o como a um ente sobrenatural, extraordinario, uma entidade superior, egual ás que ouviram descrever nos contos da lareira, pelas noites frias de inverno — bellos contos phantasticos em que figuravam principes encantados, grandes panellas cheias de dinheiro reluzente, trajos vaporosos cravejados de brilhantes, tremulos como estrellas, todas as maravilhas emfim que aturdiam as suas imaginações infantis.

E ficam, de longe, parados, immoveis, boca aberta, olhos arregalados, n'um enlevo, para o vestibulo, onde crescem grandes plantas exoticas, ladeando a escadaria de marmore liso.

*
* *

De manhã, muito cedo, abriu-se uma janella do primeiro andar e d'entre os cortinados caídos surgiu uma bella cabeça de mulher, dezeseis annos quando muito, levemente morena, olhos pardos, muito vivos, cabellos castanhos, meio revoltos, ainda com o tom morno do seu ninho de rendas.

Nascêra o sol pouco antes. A rua quasi deserta.

Inclinou-se no varandim, risonha quasi assustada, indagando.

Havia no seu olhar rapido uns como que fremitos surdos de inquietação, de receio, de alegria.

E ficou assim por muito tempo, esperando, impaciente, muito contrariada.

A cidade despertava.

De longe vinha um rumor vago de carros, rodando nos bairros afastados, e de onde aonde descia a calçada gente do povo, homens com grandes cabazes de pão, rapazes de jaqueta ao hombro, mulheres do campo guiando jumentas ajoujadas com montes de hortaliças, que esganiçavam pregões confusos para os altos dos predios.

No largo em frente, duas vaccas mansas, malhadas de preto, eram mungidas á porta d'uma mercearia, e um rapazito de blusa e barrete azul fazia ouvir a sua voz aguda, correndo ao longo do posseio: «é o *Noticias* e o *Popular!*»

D'ahi por momentos desembocou ao fundo da rua um vulto: era um velhito magro, baixo, muito curvado, aspecto de mendigo, caminhando de vagar, penosamente, encostado a um bordão.

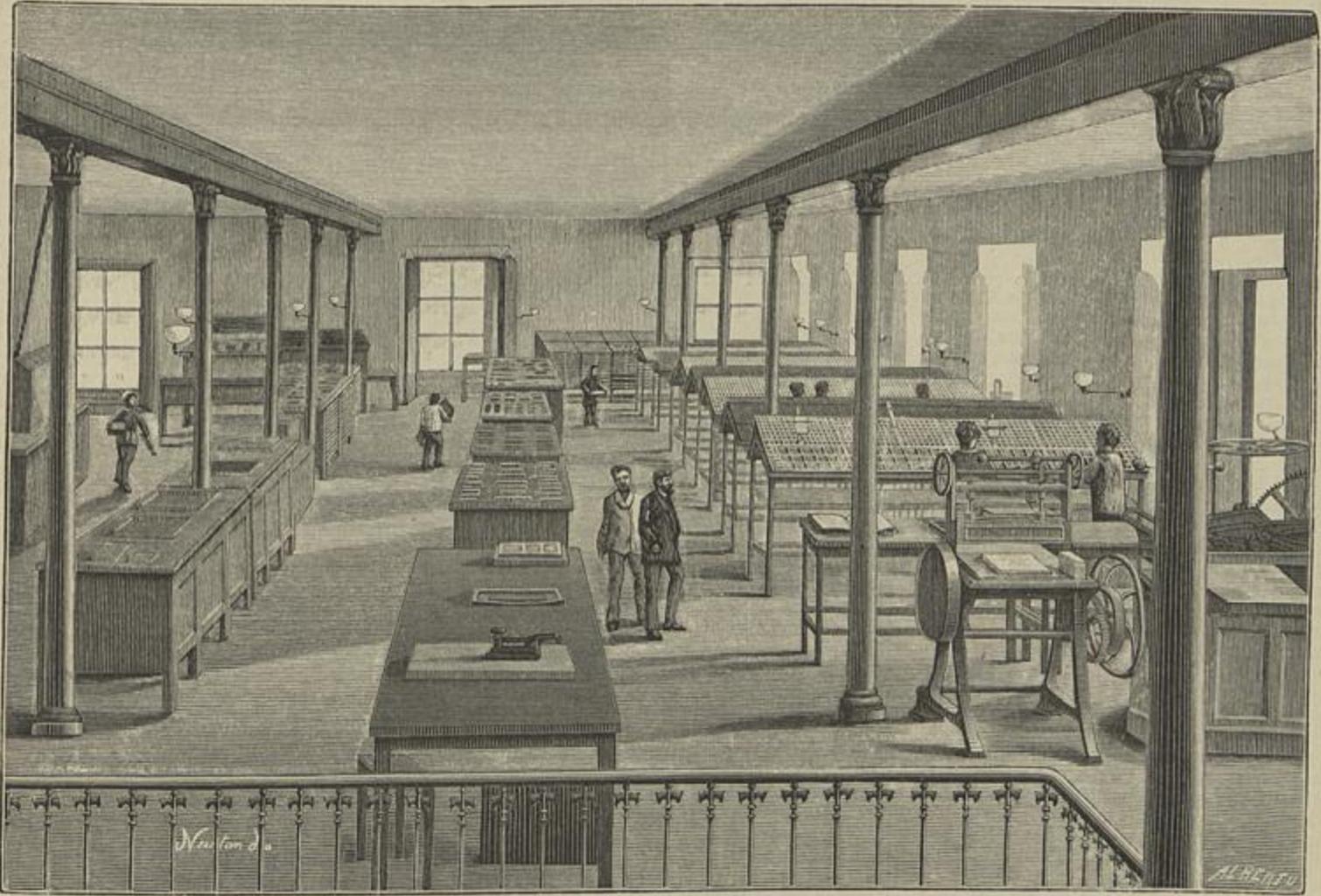
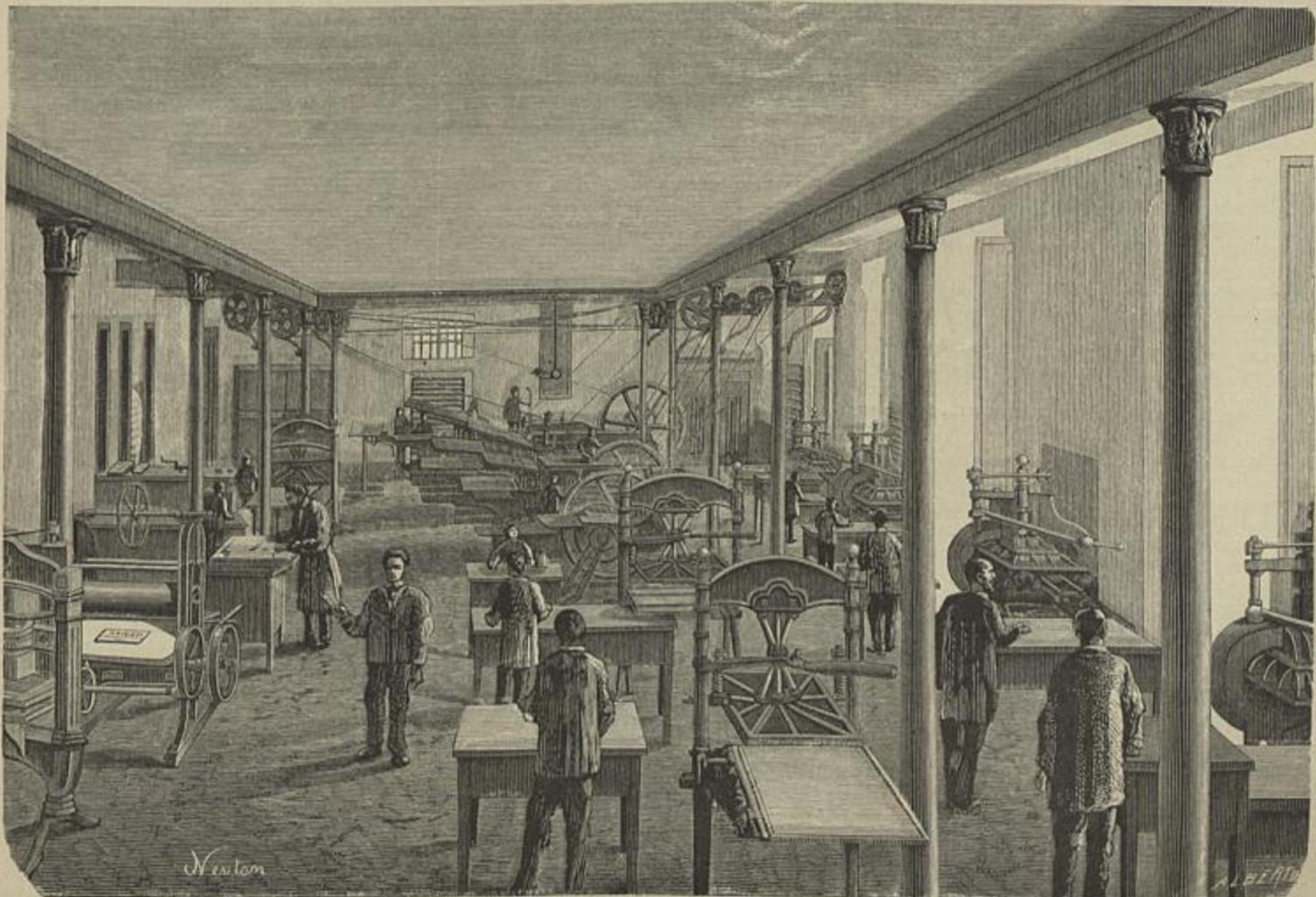
Um chapéu de abas caídas tapava-lhe, a metade, as barbas crescidas, e um casaco velho, todo abotoado, deixava perceber a ausencia da camisa no principio do peito vermelho, crestado pelo sol.

A madrugadora teve um sobresalto, debruçou-se mais no balcão, toda alvoroçada: e quando o pobre passava em frente, sempre curvado, tossiu, fez bulha na vidraça, olhando para outro lado n'uma grande indifferença.

O velho parou, erguendo a cabeça.

INCENDIO DO THEATRO DA OPÉRA COMIQUE, EM PARIS — ASPECTO DA PRAÇA BOLDIEU

(Segundo um desenho enviado de Paris)

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

OFFICINA DA COMPOSIÇÃO (Vid. artigo Vicente Jorge de Castro)

OFFICINA DE IMPRESSÃO

Tinha as faces cavadas, e nos olhos amortecidos, um não sei quê de desanimo, uma expressão vaga de tristeza, de fadiga. Atravessou a rua, e, a meio da calçada, tirou o chapeu, em silencio, vagarosamente, com um gesto de resignação e de cansaço.

Ella viu-o chegar e apontou para o portal, toda vibrante de contentamento:

—Entre ahi, sim?

E fechou a vidraça.

O guarda-po tão levantara-se n'aquelle momento. Estava de mau humor e apenas viu o mendigo azedou-se:

—Rua! rua! Isto não são horas de pedir esmolas! Não faltava mais...

E enxotava-o, cheio de nojo, vedando-lhe a passagem.

O velho estacou em frente da porta.

Ao fundo as grandes plantas exoticas que ladeavam a escadaria de marmore liso tornavam-o silencioso, davam-lhe um deslumbramento, humilhavam-o, punham bem em evidencia a sua miseria repellente. Sentiu-se pequeno e desprezivel.

—Não ouviu, você? Vá, é andar...

Mas voltou-se logo, attonito.

Por detraz d'elle soára uma vozinha muito suave, e, em pé no patamar, apparecia um vulto de mulher, de fórmas esculpturaes, castamente veladas por um roupão alvo, que se lhe apertava na cinta.

—Deixe-o subir, Leonardo.

—Ah! é V. Ex.ª?! Perdão... N'esse caso...

Fez uma reverencia servil e voltou-se para a porta, mais brando:

—Entre lá, entre.

O velho penetrou no pateo, acanhado, andando a medo, respeitoso, como se estivesse n'uma igreja, cercado de imagens; e quando chegou ao pé do primeiro degrau parou: esteve quasi ajoelhando.

Devia ser uma imagem, alguma santa, aquella apparição que lhe sorria de cima, tão meiga, tão bonita, tão boa, de entre as plantas que ladeavam a escadaria de marmore.

E ficou assim, absorto, enlevado, extatico, batendo as palpebras em que se avolumavam duas lagrimas.

—Suba; tome lá!...

E estendeu-lhe a mão.

O mendigo subiu de vagar, junto da parede para não pisar a passadeira dos degraus: estava commovido e tremulo.

—Porque me olha tanto? perguntou ella, tocada d'aquella adoração e fixando-o com os seus olhos limpidos.

—É que eu tive uma filha tambem, mas morreu. Parecia-se comsigo...

—Coitadinho! Então vive só?

—Só: já não tenho ninguem no mundo....

E as duas lagrimas cairam, sumindo-se-lhe nas barbas grisalhas.

Ella desceu dois degraus, compassiva, n'um impulso irresistivel de fazer bem, de o consolar. Nunca vira de perto a miseria. Aquelle quadro triste aturdia-a, atormentava a sua alma boa.

Quereria ter ali muito dinheiro para lhe dar; mas não tinha.

—Ora! que pena!—E teve um gesto adoravel de contrariedade.—Vê... não tenho senão cinco réis...

Interrompeu-se, córando e mostrando a moeda de cobre enegrecida. Queria fazer uma pergunta e não se atrevia.

—Olhe: não tenho senão cinco réis, mas... desejava saber...

—Diga, minha menina.

—Desejava saber...

—O meu nome, não é verdade?

E o velho sorriu tristemente.

—Tambem a minha filha na vespera de S. João queimou uma moeda de cinco réis, mas n'aquelle anno não lhe appareceu nem um pobresinho a quem ella podesse perguntar o nome do noivo. Um mez depois finava-se, coitadita! Mas isto foi já ha muitos annos... Não faça caso d'estas tristuras de velho. Olhe... o meu nome é Antonio.

E estendeu a mão:

—Seja mais feliz do que a minha pobre Maria...

—Oh! venha cá ámanhã, venha todos os dias! Quero que seja o meu pobresinho...

E fugiu depois de apertar a mão do mendigo; fugiu, apressada, para esconder o seu rubor, a sua confusão, desapparecendo na volta da escadaria de marmore.

O velho ficou um instante immovel, destacando-se como uma grande nodoa no espelho do patamar.

Quando saiu havia no seu olhar ainda molhado como que o vestigio d'uma grande alegria que passasse.

* * *

Desde então, todas as manhãs e á mesma hora, um pedinte de barbas grisalhas sóbe os cinco degraus d'uma escada atapetada, onde o espera uma creança de cabellos castanhos e roupão de neve.

E na sua immobilidade silenciosa parecem sorrir ao grupo as plantas exoticas que ladeiam a escadaria de marmore liso.

Lorjó Tavares.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XIII

Foi n'esse anno de 1862 que se levantou a famosa questão das irmãs de caridade, em que o partido regenerador representou um papel tão mal apreciado, sem querermos dizer que o achamos politico, habil e conveniente no fundo aos interesses da causa que pretendiam defender. Não temos ainda elementos bastantes para fazermos a historia d'essa famosa campanha, mas, pelo muito que conhecemos o caracter de Fontes nos ultimos annos da sua vida, podemos affiançar, quasi com absoluta certeza, que Fontes não tomou n'esse debate a attitude que tomou senão por condescendencia com os seus amigos.

É certo que fôra o partido progressista historico o verdadeiro culpado do caracter que essa questão tomára, fôra elle quem introduzira em Portugal as irmãs de caridade francezas, fôra elle quem lhes déra força e quem lhes tolerára as exigencias, elle por fim de contas quem vinha soltar o grito de alarma; era excellente effectivamente o campo em que a opposição regeneradora se collocava, se notando as contradicções do governo, lhe désse ao mesmo tempo força para obstar a essas tentativas disfarçadas da entrada dos jesuitas em Portugal. O partido regenerador foi comtudo mais adiante do que seria politico, e aproveitou mal o ensejo para proclamar o principio de liberdade de ensino, que ia aproveitar exactamente aos inimigos da liberdade. Fontes viu isso perfeitamente, mas viu ao mesmo tempo que a maior parte dos homens mais eminentes do partido se dispunham a lançar-se abertamente n'esse caminho; com a flexibilidade que em conselho de ministros ou nas reuniões partidarias caracterisava o seu animo generoso, e que tanto contrastava com a inflexidade das suas resoluções, depois de tomadas e discutidas, Fontes transigiu com a opinião do sr. Casal Ribeiro, que foi o relator da commissão nomeada pelas camaras para se occupar d'esse assumpto e que tinha por presidente Fontes Pereira de Mello.

Como ousamos apresentar semelhante affirmação? Em que a baseamos? No estudo do processo de combate empregado por elle na discussão; o terreno em que se colloca é perfeitamente politico e inexpugnavel. Não se apresenta, como o sr. Casal Ribeiro, a defender a pureza de intenções do instituto de S. Vicente de Paulo, não lança em rosto aos seus adversarios o admirarem Voltaire, e o serem filhos da revolução. Não transige com os seus alliados de um dia, os deputados miguelistas. As suas affirmações são correctissimas, collocam admiravelmente o partido, e n'esse terreno inexpugnavel ninguem conseguiria desalojal-o.

«*Não cumpristes a lei, disse elle, não observastes as leis do imperador, deixastes escarnecer a authoridade publica*». Palavras que ainda sôam n'este casa que acaba de proferir o orador que se sentou dirigindo-as ao ministerio transacto que está ali representado na pessoa do sr. presidente do concelho; ao ministerio transacto que vós todos apoiastes; ao ministerio transacto, que tambem queria matar a reacção, como a quer matar este ministerio, como nos affirmou no primeiro dia em que occupou aquellas cadeiras.

«E vós que não cumpristes a lei, vós que desprezastes as leis do imperador, mereceis, apesar d'isso o apoio dos homens liberaes que teem assento n'esta camara.

«Como se entende isto? Dar-se-ha caso que haja um partido n'esta terra, que tenha o direito de dizer, de apoiar, e fazer tudo aquillo o que depois se chama reaccionario e anti-liberal, mas ficando sempre mais liberal do que todos os outros?...

«A questão politica não foi aqui trazida pelos membros de opposição. A questão não nasceu de nós.

«A questão teve origem em acto praticado durante o tempo em que tem estado á frente dos negocios publicos a administração que não temos apoiado e de que nunca fizemos parte...

«E somos nós os reaccionarios?

«Pois quem estava no poder quando entraram as irmãs da caridade pela primeira vez n'este paiz? Um ministerio progresista presidido pelo sr. marquez de Loulé! Quem estava no poder quando se publicou o decreto de 3 de setembro de 1858? Um ministerio progressista presidido pelo sr. marquez da Loulé. Quem estava no poder quando se publicou a portaria de 5 de março, que acabou com os prelados maiores estrangeiros, e que nunca foi cumprida, como se disse? Ainda um ministerio progressista, presidido pelo sr. marquez de Loulé. Quem estava no poder quando se apresentou á camara a proposta de lei de 6 de março de 1861, para se estabelecer um instituto de irmãs de caridade sugeitas a prelado diocesano? Ainda um ministerio progressista presidido pelo sr. marquez de Loulé. Quem estava no poder quando se publicou o decreto de 22 de julho de 1861 em que foi dissolvida a associação das irmãs de caridade, e tirada a entidade juridica? Ainda um ministerio progressista presidido pelo sr. marquez de Loulé.»

Leia-se agora este periodo que bem define a attitude correctissima d'este grande homem em assumpto em que os seus inimigos muito o accusavam:

«Eu não me embrulho nunca no manto de nenhum principe. Nunca o fiz. Tenho estado por muitos annos sentado n'aquellas cadeiras, e sabem os illustres deputados, principalmente os que teem sido meus amigos politicos que nunca pratiquei essa baixeza. Puz sempre a minha responsabilidade a descoberto, e quando a opposição, que então era violenta como tem direito para o ser, me atacava sobre algum acto em que eu podia esconder a minha responsabilidade, tomei-a sempre e nunca a declinei.»

Esse discurso é verdadeiramente admiravel, sobre tudo, repetimos, debaixo do ponto de vista politico. Defende, é certo, o principio da liberdade de ensino, que era a base do relatorio do sr. Casal Ribeiro, mas entrincheira-se sobretudo na affirmação de que eram os mesmos homens que vinham agora sublevar o parlamento contra as irmãs da caridade os que em Portugal as tinham introduzido, os que lhes tinham facilitado a entrada, os que lhes tinham consentido a permanencia depois de haverem desobedecido ás ordens do governo. Infelizmente os seus amigos politicos entenderam que deviam n'essa occasião levantar e defender o principio da liberdade de ensino, e foram contrariar directamente a opinião popular, que se mostrava n'essa occasião muito exaltada. Foi realmente um periodo de grande effervescencia, o ultimo talvez em que uma questão de principios exaltou as massas populares, que depois não se agitaram senão para servirem os despeitos de interesses.

Foi uma pena que o partido regenerador tomasse n'essa occasião a attitude que tomou, embora á luz dos principios puros fosse elle que defendesse a causa da justiça e da liberdade. Mas o publico via que á sombra d'essa bandeira se acolhia a sotaina negra, e isso bastou para o indignar. Lá fóra exaltava-o a palavra vehemente de Alexandre Herculano, na camara inflammava-o a voz eloquentissima de José Estevão. Foi essa corrente poderosissima que sustentou ainda por tres annos no poder o partido progressista. Mas a campanha evidentemente não foi travada segundo o plano de Fontes Pereira de Mello. Confronte-se, como dissemos, o seu discurso com os discursos dos seus collegas, e parece-me que se poderá adivinhar, sem grande esforço, o pensamento intimo do grande estadista.

Durante esses tres annos houve um periodo realmente brilhante, e a que estão ligados indissoluvelmente os nomes dos srs. Lobo de Avila (hoje conde de Valbom) e de Mendes Leal que ha pouco falleceu. Foi então que se extinguiram os morgados, foi então que se proclamou a liberdade do tabaco, foi então que a marinha portugueza, que chegára a um estado de extrema decadencia, recebeu da energia de Mendes Leal um vigoroso impulso. Parte d'esse brilhantissimo periodo está descripto de um modo admiravel pelo sr. visconde de Benalcanfôr n'um livro brilhantissimo, que se intitula *Narrativas e episodios da vida politica e parlamentar*, e que deverá sempre ser consultado quando se escrever a historia d'esta epoca. É um livro partidario sem duvida alguma, e em que se nota o

calor das affeições politicas de quem o escreveu, mas é um livro em que está descripto com uma vivacidade notavel, que faz como que reviver diante dos nossos olhos as scenas que traça, o movimento politico d'essa epoca.

Depois da sahida do sr. Mendes Leal e do sr. Lobo de Avila do ministerio, começou este a luctar com difficuldades invenciveis. O ministerio de 5 de março foi, apezar do talento de alguns homens que n'elle entraram, apenas um parenthesis comico. Finalmente o partido historico desaggregava-se e o duque de Loulé (porque em 1862 passára de marquez a duque) saía emfim do ministerio a 17 de abril, depois de um consulado de cinco annos. Encontrando-se na opposição, os dois grandes partidos historico e regenerador entenderam que deviam unir-se e d'ahi resultou o grande facto politico da *fusão*.

(Continúa.) *Pinheiro Chagas.*

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

DE COMO NÃO SATISFAZ ÁS NECESSIDADES POPULARES DEMONSTRAÇÃO:

(Continuado do n.º 304)

Concluimos o precedente artigo, dizendo — «*D'ahi nascem:*

a—a immoralidade das novas gerações, cuja educação não pode a eschola conseguir;

b—a inutilidade do homem futuro para o grande concerto da vida social, que ha de baquear por terra, pela influencia das notas discordantes.»

*
* *

Temos a certeza do que alli se lê, pela fiel comparação do preterito com o presente; e ninguem admitta milagres, pois que os *milagreiros* extinguiram-se, existindo apenas a crendice popular, que ainda hoje possue diversos simulacros fabricados de madeira ou barro.

A questão disciplinar na eschola primaria está sendo discutida e prejudicada por curiosos inexpertos, suppondo que as theorias do gabinete correspondem á pratica da eschola.

E' triste e pungente vêr molestar as creanças; occorre-nos pois absoluta obrigação de as proteger, por quanto, fazendo a ellas o que os nossos mestres nos fizeram a nós, pagamos um tributo de gratidão á memoria d'aquelles, que nos guiaram a luz do entendimento. Em que consiste, porém, essa protecção? Em conduzil-as empregando os meios, por bom caminho, moralisando-as pelo exemplo; em formar-lhes o coração para o bem por conclusões moraes, deduzidas da leitura dos bons livros, e anecdotas adredes a influir nos bons costumes, as quaes em todos os tempos se usaram na eschola primaria.

Já se vê que a missão do mestre é elevada, e que perante a sociedade representa o professor um grande elemento de ordem. O que nos cumpre para com o mestre na educação dos filhos? Dar-lhe a força necessaria, como educador, sem comtudo nos emanciparmos do direito de lhe exigir estrictas contas por qualquer acto menos brando ou conveniente para com as creanças. O mestre, que se diz mestre, não exorbita, e n'esse caso deve ser estimado. Se exorbita, lá temos a lei com a escala das penalidades, e seja-se do maximo rigor para com o delinquente.

Mas o mestre será considerado, n'esta época de progresso, com aquella distincção a que tem *jus*, attento o grande papel que lhe está distribuido no concerto moral da vida? Por toda a parte o encaram sob o ponto de vista de *mercenario:* e, se ha algumas excepções, poucas poderão enumerar-se.

Ora, os bons mestres tambem os faz a sociedade com o tratamento que lhes dá, respeitando-lhe a importancia que se lhe reconheça.

*
* *

Administrar o ensino primario, *expectorando* ordens em circulares, se não é um desacato, é pelo menos ignorancia. Muitos abusos temos a castigar, commettidos contra as leis vigentes; pelo receio porém de ferir pessoas, quando a nossa questão é só de principios, pois que pelas pessoas temos o maximo respeito, é que só diremos o essencial ácerca do assumpto palpitante dos horarios das escholas dirigidas pela Camara de Lisboa.

*
* *

Em verdade as camaras teem direito a fazer os horarios das escholas, suppondo-se que estudam maduramente o assumpto a fim de que os municipes não soffram no seu modo de viver domestico. As creanças partilham dos habitos das familias; logo é mister calcular-se, pouco mais ou menos, quaes sejam esses habitos, que em Lisboa variam, segundo o movimento economico de cada bairro. Nos sitios fabrís são uns; nos outros já são diversos. O que é tarde para os segundos e o que é cedo para os primeiros só estudo sério o poderá dizer.

A camara pretendeu augmentar o numero de aulas sem augmentar o numero de escholas ou edificios escholares; e para isso fez o chamado *desdobramento,* instituindo dois turnos: um de manhã, das 8 e meia á 1 da tarde; o outro das 2 horas ás 7 da noite!

Mas este caso é novo, nem as leis o auctorisam. Antigamente havia na eschola primaria o turno de manhã e o de tarde; mas os alumnos eram os mesmos, sendo o intervallo, entre os dois destinado á folga de alumnos e mestres. D'aqui resultava que no turno da manhã, quando (como diziam os antigos) a memoria estava fresca, se davam as lições de mais responsabilidade; e ficavam para de tarde outros exercicios que os alumnos praticavam sem exforço ou sacrificio. Mas a camara de Lisboa, no sentido de economisar a renda de casa para novas escholas, *decretou* que na mesma eschola houvesse diariamente duas turmas de alumnos differentes!

De modo que, sendo a frequencia de creanças, e algumas ainda pequeninas, as que teem de comparecer no turno da manhã, para estarem na aula ás 8 e meia, teem de sa levantar cêdo para chegar a tempo. Ora, nem todas moram perto da eschola; logo ha grande sacrificio para muitas; e, segundo a tradição insuspeita, alguns pequenitos apparecem de máo humor e com visivel somno; outros não comparecem a tempo; outros faltam. Eis ahi está.

No turno da tarde, em que as creanças orçam pela edade das primeiras, já se vê que os exercicios começam ás 2 horas e terminam ás 7!

E d'ahi?

Em primeiro logar, o estudo da tarde não tem o mesmo proveito que o de manhã, porque as cabeças infantis estiveram em distracção até perto das 2 horas; e conseguir que depois se sujeitem ao estudo é negocio muito serio; em segundo logar, de hynverno, ás 5 horas, é noite cerrada: logo temos as creanças em *curso nocturno*, e obrigar a infancia a exercicios de escripta e outros á luz artificial é desconhecer os preceitos mais rudimentares da hygiene do ensino.

A conclusão é que o *desdobramento*, como está, é um mytho. Podem argumentar com uma estatistica de valores escholares. Pois muito bem. E a estatistica será verdadeira? Quem deu as bases para ella? Por ventura poder-se-ha avaliar com precisão mathematica o progresso da eschola, lá porque se tem a estatistica na mão? Ah! Corydon, Corydon!

Querem bom ensino?

Tratem bem os mestres, dando-lhes a consideração que merecem, e não façam das escholas —atafonas ou fabricas de moagem; restabeleçam a disciplina escholar; fundem maior numero de escholas, que satisfaçam á necessidade do ensino; deixem-se de ensaios perigosos e dissolventes; não ataquem os antigos costumes ou habitos inveterados dos povos, porque os costumes são leis, ou as bases das leis. A entrada das creanças para a eschola ás 9 horas ou 9 e meia da manhã, e muitas vezes ás 10, para favorecer os que teem de chegar de sitios longes, é praxe antiga, e, para o quê, vejam-se no espelho dos collegios de ensino livre.

Que n'uma povoação rural, onde sómente se vive de dia, e em que as familias proletarias quasi que se deitam ao sol posto, as creanças, porque partilham dos habitos da familia, podem erguer-se mais cêdo; e porque, ao sahirem da eschola, vão prestar serviços aos paes, guardando os gados e desempenhando varios trabalhos proprios da sua edade e aptidão, podem frequentar a eschola mais cêdo tambem. Em Lisboa, porém, é impossivel. Vão aos theatros, e lá hão de vêr muitas vezes nos camarotes e nas plateias as familias com as creanças, que no dia posterior hão de frequentar a eschola. Já se vê que taes creanças, deitando-se alli pela uma hora da madrugada, como podem estar almoçadas e promptas ás 8 ou 8 e meia da manhã na eschola?

Poderão objectar:—«as creanças que não vão ao theatro.» E quem os ha de acompanhar em casa, quando muitas familias, embora remediadas, não teem creados para ficarem vigiando os filhos?

Ainda podem responder:—«as familias que fiquem em casa.» Mas as familias podem contestar:—«alto lá, em nossas casas governamos nós, e não admittimos leis.» A camara tem obrigação de ministrar o ensino, e não o direito de coagir o ensino. As familias é que elegem as vereações, e não vice-versa; pagam para a sua commodidade, e não para que as molestem.

Isto é a pura verdade.

*
* *

Ainda mais:

Com o tal *desdobramento* succederam coisas engraçadas, em quanto existiram os cursos nocturnos. A camara, no seu *immortal* regulamento deu faculdade aos professores de accumularem os dois turnos, percebendo mensalmente pela regencia do primeiro, 24:720 réis, e pela do segundo, 18:000 réis.

De modo que houve professor que accumulou: primeiro e segundo turno do desdobramento, e o curso nocturno! Logo, sommando as horas, tinham de serviço: dos dois turnos—dez horas, com mais duas horas de curso nocturno, aqui estão doze horas de ensino ou tensidade de espirito, pelo que tudo recebiam mensalmente—24:720 réis + 18:000 réis + 12:000 réis = 54:720 réis approximadamente, visto que ainda tinham mais uma pequena deducção nas duas ultimas gratificações!!!

*
* *

De que nos admirámos nós? Suppõem por ventura que nos admirámos da verba, que os professores recebiam por todo aquelle serviço? Não. Temos apenas dó por tão grande desgraça; porque o pobre mestre quasi que vivia na eschola. A nossa questão é a *ingenuidade* dos administradores do ensino em acreditarem de haver um professor capaz de ensinar as ditas doze horas com a precisa energia e sollicitude. Aqui é que está a nossa grande admiração!!!

Lembra-nos a historia d'aquelle que, pretendendo cavar a vinha, disse para o feitor: «Aqui tens vinte homens que eu contractei para as cavas.» Em o numero de vinte, estavam seis velhos, e por isso o feitor respondeu: «Eu só vejo quatorze homens.» O patrão espantou-se ao ouvir o feitor, e disse-lhe: «onde ficam aquelles seis?» Aquellas seis metades de homens? Pois v. s.ª não vê que estão cançados, que já deram o que haviam de dar, e que já não podem, quebrados pelo serviço, que já prestaram?» O patrão cahiu em si, dizendo:—acceito o que dizes, e milagres ninguem os póde fazer.»

Vamos aos corollarios:

1.º—A camara dispendeu, o mestre recebeu, e o serviço..... lá estão nas cadernetas os valores ou notas de aproveitamento dos alumnos!

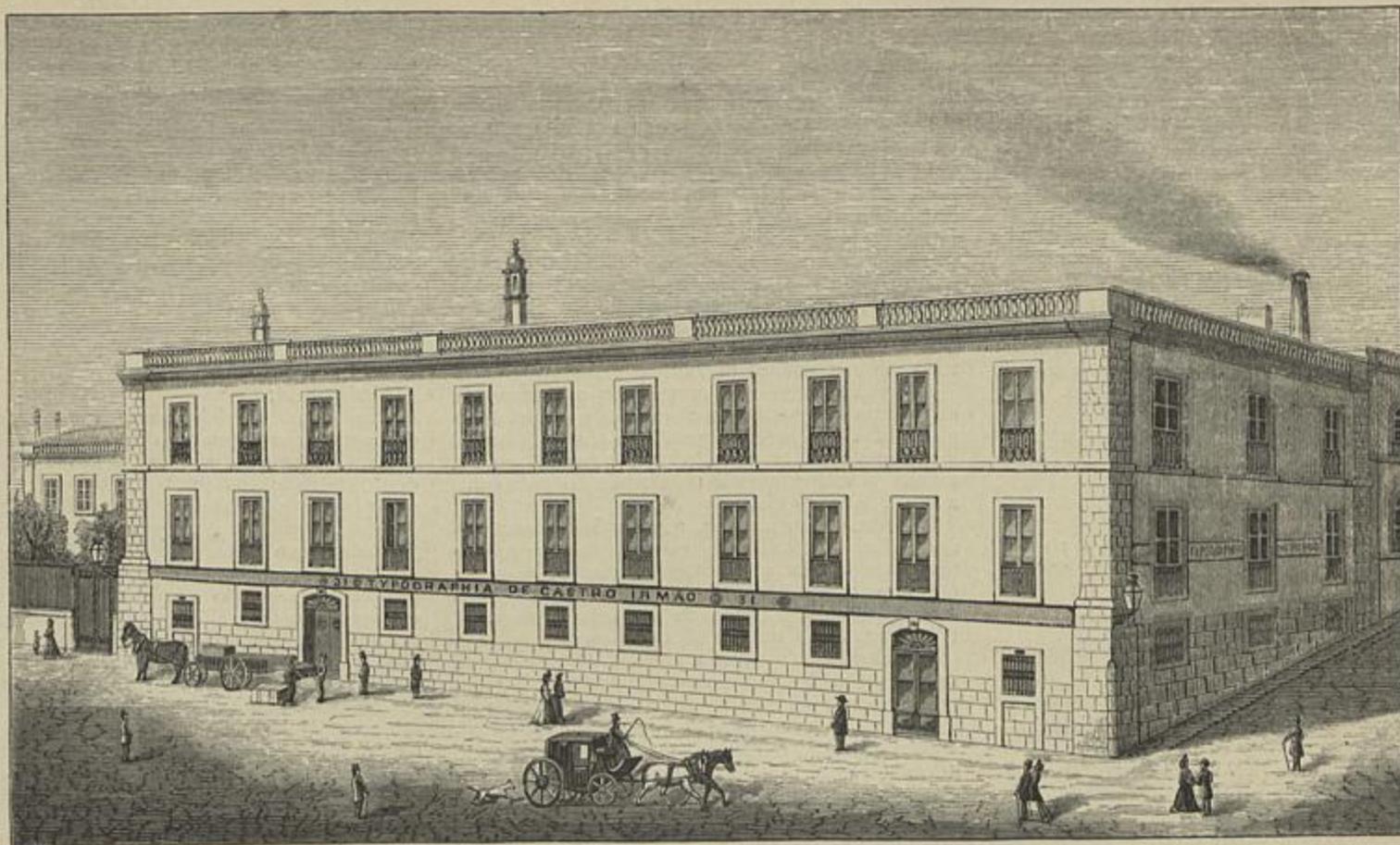
2.º—O ensino *fez-se*, a estatistica assim o affirma; mas as familias ficam, á maneira do pescador de camarão, que, tirando tres vezes a rede de dentro d'agua, nem a isca, que lá havia atado, nem mesmo essa encontrou!

*
* *

Ora, por um lado custa-nos expôr este enorme estendal de roupa, menos aceiada, á luz do sol, perante a critica de alheios; mas, por outro lado, se ninguem fallar n'estas cousas, isto é o paiz *do não se me dá, do ámanhã*, e em que todos se julgam aptos para tudo; onde se *decreta* sem conhecimento de causa; e finalmente onde ha a monomania de copiar servilmente os costumes extrangeiros, como se os povos da peninsula possam comparar-se nos costumes caracteristicos aos habitantes do norte!

(Continúa) * * *

RESENHA NOTICIOSA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. Reuniu no dia 1 do corrente, sob a presidencia de sua magestade el-rei D. Luiz, a assembléa geral da Acade-

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO — Vista exterior do Estabelecimento

(Vid. artigo Vicente Jorge de Castro)

mia Real das Sciencias, para a discussão do relatorio do director do diccionario da lingua portugueza, concernente ao estado dos trabalhos do mesmo diccionario e do methodo que tem presidido á sua confecção. Tomaram parte na discussão além do sr. Latino Coelho, director do diccionario, os sr. Vasconcellos Abreu, Thomaz de Carvalho e conde de Ficalho, encerrando-se a sessão ás onze horas e meia da noite, ficando reservada para a sessão seguinte a continuação da discussão. Pelo sr. Constantino James foi offerecido á Academia um exemplar *Le traitement de la rage par le methode Pasteur*. Abriu-se concurso de quarenta dias, para a apresentação das obras que se propõem ao premio *D. Luiz I*, conferido este anno pela segunda classe da Academia, secção de litteratura.

Distincção merecida. Foi agraciado com o grau de cavalleiro de S. Thiago, o distincto escriptor e primeiro folhetinista portuguez, nosso particular amigo e collaborador do Occidente, sr. Julio Cesar Machado.

Real Gymnasio Club Portuguez. Realisou-se no dia 5 do corrente, nas salas do *Real Gymnasio Club Portuguez* uma *matinee* de esgrima por alguns socios d'este club, e a que assistiram muitos convidados. No programma, executado sob a direcção do mestre d'armas sr. Antonio Martins, tomaram parte os srs. Albuquerque de Orey, Alfredo de Sousa, Antonio Carvalho, Carlos Quintella, Eloy Castanha, Frederico de Oliveira, Gustavo Bordallo Pinheiro, Luiz Fernandes, Luiz Martins, Luiz Osorio, Pedro Oliveira, Arbués Moreira, Henrique Mitchell, Fialho d'Oliveira e Sá Cardozo. Todos os assaltos foram executados com brio e destreza sendo difficil especialisar um ou outro contendedor sem entrarmos n'uma apreciação mais demorada, para a qual nos falta espaço. Agradecemos o convite.

Egreja da Trindade no Porto. A ordem da *Trindade* no Porto celebrou com muita pompa a inauguração das obras para a basilica que vae levantar na egreja da sua ordem.

Nova canhoneira de guerra. Foi batida a cavilha da nova canhoneira, em construcção no arsenal da marinha. A ceremonia realisou-se no dia 6 do corrente, com a assistencia de suas magestades el-rei o sr. D. Luiz e rainha D. Maria Pia, srs. ministro da marinha, director geral da armada, officialidade, etc. A nova canhoneira foi posto o nome de Diu.

Navegação para Africa. Foi assignado no ministerio da marinha o contracto provisorio, com os srs. Souza Lara e Souza Leal para uma carreira de vapores entre Lisboa e a Africa Occidental e Oriental.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi editor, Lisboa, n.º 144 *Historia da Philosophia* redigida em harmonia com o programma official do curso geral dos lyceus, por José Augusto Saraiva, professor de instrucção secundaria.

Os Albergues Nocturnos de Lisboa, *associação fundada por S. M. El-Rei D. Luiz I, 6.º relatorio do conselho de administração*. Lisboa, typ. de Christovão A. Rodrigues, 1887. Este relatorio ao mesmo tempo que dá conta minuciosa do movimento da florescente instituição dos *Albergues Nocturnos*, é uma obra litteraria de alta valia pela maneira superior com que é escripto pelo relator sr. Conde de Valenças (dr. Luiz Jardim), nome ligado a tantas instituições uteis, quer ellas tenham por fim o desenvolvimento moral e material do paiz, quer se fundem no grande principio christão, a caridade. A sua actividade chega para tudo, e a causa dos infelizes não é a que menos attenção lhe merece. Ahi o está a provar o magnifico relatorio que temos sobre a mesa, e onde em cada uma das suas paginas se revela a solicitude que lhe merece a sympathica instituição de El-Rei D. Luiz, á qual se reuniram tantas dedicações a cooperarem para os bellos resultados obtidos. Os *Albergues Nocturnos* de Lisboa são uma instituição modêlo, como as não ha no extrangeiro, e isto é tão verdade que ella tem servido de modêlo aos extrangeiros, como o declara o mesmo relatorio. A boa administração que preside ao *Albergue* tem inspirado inteira confiança ao publico, e os donativos tem afluido a engrossarem o capital que deve garantir a sua estabilidade, se ella não estivesse garantida pelo regio instituidor e pelos que tanto d'alma e coração se lhes tem dedicado. É assim que hoje esse capital se eleva á importante cifra de réis 71:036$730, tendo dispendido no anno findo réis 4:991$910, no costeio do estabelecimento e no soccorro dispensado a 1:409 individuos portuguezes de ambos os sexos, e 467 extrangeiros nas mesmas condições, sendo o total dos agasalhos 11:406. D'estes desgraçados, 879 individuos portuguezes não sabiam lêr, ou approximadamente duas terças partes, e dos extrangeiros, 112 analfabetos ou approximadamente uma quarta parte. Esta simples estatistica é bastante eloquente para mostrar o estado de ignorancia do nosso paiz. Muitos outros dados fornece este relatorio, mas que o espaço de que dispomos nos não deixa apreciar mais desenvolvidamente. Recommendamos entretanto a leitura de documento tão importante, debaixo de tantos pontos de vista e que mostra mais uma vez a alta competencia do seu auctor, o sr. Conde de Valenças.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875*. 6.ª série — n.os 9, 10 e 11. Lisboa, Imprensa Nacional, 1886. Este boletim é todo dedicado a um estudo historico do sr. Teixeira de Aragão intitulado *Vasco da Gama e a Vidigueira*, trabalho importante sobre o grande navegador e descoberta da India, noticia sobre a Vidigueira e convento de Nossa Senhora das Reliquias, onde foi sepultado, e trasladação dos seus restos para a egreja dos Jeronymos, em Belem, a respeito do que faz a declaração de que por haver engano na sepultura de Vasco da Gama, não foram os seus ossos os que se trasladaram para os Jeronymos, por occasião do Centenario de Camões. Pena é que se tivesse dado tal engano, mas poderá ser remediado, como o sr. Aragão declara, e restabelecer-se a verdade.

A Biblia Sagrada, *contendo o velho e o novo Testamento*. Traduzida da vulgata pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, escrupulosamente revista sobre o texto latino por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e contendo as notas ellucidativas do texto, revistas e ampliadas pelo Dr. Manuel de Jesus Lino, lente de Hermeneutica Sagrada e Exegese Biblica da faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra. Nova edição auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa. Illustrada com 230 grandes composições de Gustavo Doré, etc. Carvalho & Pons editores, Lisboa. Fasciculo n.º 1. É uma edição primorosa in-folio de grande formato, tendo todas as paginas illustradas com graciosos desenhos apropriados, formando moldura, e feitos expressamente. Cada fasciculo de oito paginas é acompanhado de duas primorosas estampas impressas em papel acartonado, desenhos de Gustavo Doré vantajosamente conhecidos da grande edição em francez, a que a edição de que vimos de fallar é superior em belleza. A execução typographica feita nas officinas do sr. Castro Irmão é primorosa e mais confirma os justos creditos d'este estabelecimento.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa